

CANTO TRADICIONAL DE MULHERES

LUGARES TEMPOS E MODOS



2021-2022 ANIVERSÁRIO DO CRAMOL

O percurso de quatro décadas do Cramol, na busca das vozes das mulheres rurais, do seu canto, é pretexto para aprofundar o mundo e a humanidade que o sustenta, a raiz de terra que lhe coube, a cultura que lhe deu nome e a sua recriação numa multiplicidade de práticas. O nosso trabalho desde há muito tem sido o de mergulhar na cultura tradicional e de cantar a sua/nossa música. Cantamos o que herdámos, o nosso património comum - um canto que nasce da terra e de quem a revolve, a habita e trabalha. E dela muito espera, consoante o tempo. E assim nasce o canto, melhor dizendo, os muitos cantos que povoam o corpo, o pensamento, desejos e falas das mulheres, forçando limites, tecendo e criando o seu próprio existir. A memória dessas sonoridades que irrompe na contemporaneidade interroga os contextos existenciais e sociais em que emerge abrindo novas possibilidades performativas e de sentido às falas no feminino. A voz e o corpo enquanto poder, o canto enquanto totalidade que liberta, invoca diversas dimensões da experiência humana que importa explorar e debater. É mais um dos modos de celebrar e comemorar a existência do Cramol – grupo de mulheres que ao longo de 40 anos soube aprofundar e saborear este canto que é o nosso, em cada semana do ano, na Biblioteca Operária Oeirense (BOO), associação fundada em 1933.

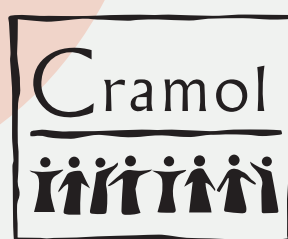
Com atraso de dois anos devido à pandemia, retomamos os ciclos de debate que iniciámos em 2016/17 com **“Fios que tecem a fala das mulheres”** a que se seguiram as conversas em torno de **“Espantar o mal no corpo e na vida: fala de mulheres e outros cantos”**, em 2018/19 (ambos registados em áudio e vídeo). Para celebrarmos os 40 anos de existência do Cramol em 2019, escolhemos como mote para o debate **“Canto tradicional de mulheres: lugares, tempos e modos”** que, à semelhança dos anteriores, organizamos em conjunto com a BOO e, desta vez, contamos com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras. É um ciclo que dedicamos a todas e a todos que forçam os limites históricos e culturais para dar poder à fala, à voz das mulheres.

De um modo muito especial dedicamo-lo à Lídia e à Sãozinha, duas de nós que partiram e cujo canto tão bem souberam tecer com o Cramol.

• CANTO TRADICIONAL DE MULHERES - DE UM ESTADO DE NATUREZA
À CONSCIÊNCIA DA CULTURA: O CANTO A VOZES DE MULHERES. - •

CONVIDADO: Manuel Rocha

Dia 10 Fevereiro 2022 | 21H15 | Templo da Poesia (Oeiras)



TRANSMISSÃO ONLINE NO FACEBOOK OEIRAS27

LUGARES TEMPOS E MODOS

- CANTO TRADICIONAL DE MULHERES •
- *De um estado de natureza à consciência da cultura: o canto a vozes de mulheres.* -

CONVIDADO: MANUEL ROCHA

Dia 10 FEVEREIRO 2022 | 21H15 | Templo da Poesia (Oeiras)

PARTICIPAÇÃO DO CRAMOL

Moda da ceifa (Cancioneiro regional de Lafões)
Alvíssaras/Ó que ranchinho de moças (Beira Alta)

De um estado de natureza à consciência da cultura: o canto a vozes de mulheres. Trabalho de muitos braços, entre a semente e o pão, o percurso do eito não se compadece com desacertos. E se as mãos, também capazes do batimento, se ocupam noutras urgências, que tome a voz a tarefa de acertar gestos e andamentos. Canto raro, este, há-de ter partido de uma voz - primeira - e logo abraçado pelas outras que se lhe juntaram. Não se sabe como aconteceu o desdobrar das vozes. Mas imagina-se que, uma vez acontecido, o conforto e o frémito de consonâncias e dissonâncias terá provocado nos corpos arrepios que se somaram à vida além-trabalho. Canto a vozes é Cultura - traço de consciência de ser-se mulher e poder, também em vozes, celebrar as praças todas da vida.



NOTA BIOGRÁFICA

MANUEL ROCHA

Nasceu em Coimbra, em 1962. Diplomado em docência de violino e músico de orquestra pela Escola Estatal de Música Gnessin, de Moscovo (1982-1988). É, desde 1988, docente no Conservatório de Música de Coimbra. Desempenhou funções de diretor daquela escola artística entre 2005 e 2017. Enquanto músico, vem desenvolvendo atividade sobretudo no âmbito da chamada música popular. Membro da Brigada Victor Jara desde 1977. Foi membro do GEFAC. Apresentou-se em palco e/ou em registo fonográfico com nomes como Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire, Fausto, Vitorino Salomé, José Medeiros, Mísia, Filipa Pais, Pedro Barroso, Ala dos Namorados, Gaiteiros de Lisboa, Carlos do Carmo, Quiné Teles, entre outros. Realizou trabalhos de diversa natureza de que destaca a série de documentários para a RTP sobre a música da tradição oral portuguesa, realizada a partir da série de Michel Giacometti e Alfredo Tropa "Povo que Canta". Colabora com grupos de teatro e em bandas sonoras de televisão e cinema (Ballet Rose, Sombra dos Abutres, Fátima, Mau Tempo no Canal, Pedro e Inês, etc.). Integrou grupos de trabalho do Ministério da Educação, do Ministério da Cultura (em Portugal e junto da Comissão Europeia), e do MNE (divulgação da música portuguesa junto das comunidades portuguesas no estrangeiro). Foi presidente da Comissão Administrativa Provisória (instaladora) do Conservatório de Música de Loulé - Francisco Rosado, tendo realizado, no mesmo ano, duas residências artísticas de iniciativa da Direção Geral de Educação. É dirigente sindical (SPRC), membro da Assembleia Municipal de Coimbra e da Assembleia Intermunicipal da CIM-Coimbra.

